

(Con)viver: uma conversa – sobre o hábito, a Casa e o *Espaço Llansol* – em conjunto com João Barrento e Maria Etelvina Santos, intermediada por Érica Zíngano¹



“Eu sou uma sala de espera para os meus companheiros, se vierem _____
na piedade
na ternura
na humildade

Esta é a minha aliança

porque agora as obras que escrevo e tenho para escrever são múltiplas, como o silêncio.”

Maria Gabriela Llansol, *Uma data em cada mão - Livro de Horas I*, p. 232.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Portugueses da Universidade de São Paulo. A presente entrevista foi desenvolvida com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Em setembro de 2009, habitei, de passagem, a Casa de Sintra, para pesquisar o espólio da Obra de Maria Gabriela Llansol (1931-2008), escritora portuguesa a quem dedico os meus estudos de mestrado na Universidade de São Paulo. Habitar a Casa, no sentido primeiro de “criar um hábito”, uma rotina com o espaço, com o texto. Hábito que demanda tempo, pedindo sempre um outro tempo, o de uma vivência alargada, porque nela, o texto imenso, a Obra, mais de vinte e seis títulos publicados em vida, ganha corpo na leitura como **legência**, um dos muitos conceitos propostos pela **textualidade** llansoliana, que revisiona todo um vocabulário literário, repensando outras possibilidades para a experiência estética.

Na **textualidade**, a experiência demanda para si um outro lugar, em deslocamento: a Casa está em Sintra e para lá chegarmos precisamos percorrer, de comboio, como se diz trem à portuguesa, 40 minutos de viagem. Essa duração em suspenso, até se chegar à Casa, poderia ser lida como um tempo de abertura para o texto, para a **textualidade**, já que é pelo movimento e pela viagem que Llansol nos convida para habitar sua paisagem textual, quando esta se define como “texto, lugar que viaja” (LLANSOL, 1998, p. 135), onde a escrita passa então a registrar o furor das passagens:

Tenho esse foco de luz libidinal aceso sobre o lugar onde estou a escrever. Os lençóis enrodilham-se, e ouço a cabeceira da cama batendo, na trepidação com que escrevo sobre o caderno. A imagem que me deixa a mulher que está a escrever é a de um traço amplo e veloz a captar o poema que passa rápido. Impossível dizer-lhe que espere, que não consigo escrever à sua velocidade, que se repita ou volte a dizer (quando, de facto, nada diz) o que estava a dizer. *Passa* é o seu facto fundamental. Mergulho em que não me espera, ignoro se me vê a escrever, deixo-me inundar de puro luar libidinal.(LLANSOL, 2000, p. 17).

Na Casa, em (con)vivência com os outros que ali estavam – os de passagem, pesquisadores que, como eu, buscavam respostas, pequenas pistas, novas impressões, e com os habitantes de sempre, os **legentes** que há muito modificaram suas rotinas no hábito da Casa, do texto – sinto que algo de muito particular no universo da pesquisa, refletindo sobre a dinâmica da minha própria vida, se modificou, já que pude experienciar empiricamente uma outra (con)vivência com o texto literário através da Casa. E isto só pôde ocorrer porque o espólio llansoliano está abrigado no lugar onde Llansol viveu por último e o contato com ele se estabelecer, pelo convívio, na intimidade desse espaço,

modificando radicalmente a leitura que se passa a empreender na **textualidade**: penso que essa (con)vivência vai contra toda uma lógica de mercado e consumo dos tempos atuais, colocando-se como uma linha de força para resguardar o lugar tão precioso da experiência estética, resguardar no sentido que Llansol propunha de demarcar Herbais, um território contemplativo, como disse na “Carta ao legente”:²

Tenho de voltar a Herbais para, *com uma estaca*, firmar
aí a minha vida. *A esse território contem-
plativo dos legentes*
antes de partirem para a batalha
que lhes há-de . Multiplicar
as forças
e duplicar o olhar reticente. (LLANSOL *in* BRANCO, 2000, p. 16).

Os hábitos da Casa também se constroem a partir de novos hábitos, novas relações com o espaço em conjunto com os outros, os pesquisadores errantes que resolveram atravessar a **textualidade**: lá lemos, pesquisamos, conversamos, discutimos e comemos em roda, em torno da mesa que abriga o que trazemos para o almoço do dia. As conversas, como uma forma de tocar o outro através da linguagem, delineiam nossos caminhos e inquietações. Essa (con)vivência na Casa me fazia sempre pensar sobre as cenas de convívio, alteridades trazidas pela **textualidade** llansoliana, na criação de uma comunidade imaginária, quando, por exemplo, em *Onde vais, drama-poesia?*, Llansol chama, no **Aestheticum Convivium**, outros escritores, Rimbaud, Rilke, Dickinson, Musil, Fernando Pessoa, como Aossê, e Hölderlin, para habitar sua escrita, para a Casa do seu texto, além de muitos outros encontros improváveis, que fulguram pelas páginas de seus livros, já que a escrita llansoliana também pode ser definida como o **encontro inesperado do diverso**.

É pelo prazer de ter (con)vivido na Casa que esta conversa se abre para partilhar da alegria do encontro, do diverso como diversidade, das trocas possíveis, do olhar generoso, do *Espaço Llansol*.

² Essa carta foi endereçada à pesquisadora Lúcia Castello Branco e a seus alunos, sendo publicada em 1998, em uma tiragem de 30 exemplares, fora do mercado, pela Edições 2 Luas de Belo Horizonte, com o título de *Carta ao Legente*. Posteriormente, foi publicada como prefácio à edição de: BRANCO, Lúcia Castello. *Os absolutamente sós - Llansol - A letra - Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/ UFMG, 2000, pp. 13-17. A diferença entre as tipografias é para assinalar as letras manuscritas e as datilografadas, respectivamente representadas pela fonte em itálico e courier new.

Na entrevista que deu ao jornal *Público* em 1995, posteriormente publicada na 2ª ed. do livro *Na casa de julho e agosto* em 2003, Llansol menciona o termo “espaço Llansol”, como uma outra voz, diferente da sua própria, ecoando em seu texto: “Eu, Maria Gabriela Llansol, nunca disse que desejava ser convidada pelos Bach. A narradora, que dá pelo nome de *o espaço Llansol*, é que procura provocar uma sobreimpressão entre esse espaço e o espaço da casa dos Bach, por ter indícios claros de que essa sobreimpressão provocará efeitos fulgurantes.” (LLANSOL, 2003a, p. 154), e acrescenta: “O momento em que a distinção entre a Maria Gabriela e *o espaço Llansol* começou a ser clara no meu espírito data de *Um beijo dado mais tarde*.” (*idem*, p. 155). Se, primeiramente, o termo surgiu dentro da *textualidade llansoliana*, então, como se deu essa passagem do texto para a realidade? Quer dizer, quando, de fato, vocês, como um espaço real, uma multiplicidade de vozes, começaram a existir como *Espaço Llansol*?

Como se diz na nossa “Carta de princípios”, que acompanha os Estatutos do Espaço Llansol, este “espaço” não é apenas um lugar físico, nessa casa que conhecestes e que nós habitamos e animamos com o nosso trabalho e a troca de afectos, “mas também o lugar *real*, visível e invisível, disseminado pelo Texto de M. G. Llansol”. Nas origens deste grupo e desta “associação cultural” está, de facto, o texto de Llansol e a vontade de o compreender e, agora, preservar e divulgar. Muito antes da fundação do Espaço Llansol, em 10 de Outubro de 2006, ainda com a Maria Gabriela, um grupo de leitores-legendes, pesquisadores, amigos, começou a reunir-se com a finalidade de ler e discutir os seus livros. Tudo começou com um primeiro encontro, na casa de praia da Profª. Silvínia Rodrigues Lopes, em que se falou de *O Livro das Comunidades* e Llansol leu e comentou, frase a frase, o “Lugar 1” desse livro (esse comentário está transcrito no primeiro número da série “Jade – Cadernos llansolianos”, que o grupo editou entre 2004 e 2007). Tudo começou então de uma forma particularmente grata à Maria Gabriela, a da leitura e da iluminação do texto pelo comentário – neste caso, um comentário único e irrepetível, pela *voz de quem escreveu* (não dizemos “da autora”, porque é palavra que nunca ouvimos da boca de Llansol).

Nos anos de 2000 a 2003 éramos um grupo informal, uma “comunidade sem regra” e sem nome, que se reunia num sábado do mês pelo prazer de discutir um texto que, abrindo-se das mais diversas formas a cada um de nós, nunca se fechava. A partir de 2004, depois da morte do companheiro de Llansol, Augusto Joaquim, reorganizámo-nos e encontramos um nome: GELL-Grupo de Estudos Llansolianos. E entre 2005 e 2006, em conversas com a própria Llansol, percebemos que existia nela uma forte vontade de nos legar todo o universo de escrita (e outros) que se encontrava na casa de Sintra, e que nós desconhecíamos totalmente. Foi então que nasceu a ideia de dar ao grupo informal uma forma jurídica e institucional mais consistente, transformando-o numa entidade que, segundo os nossos Estatutos, “tem como finalidade prosseguir por todos os meios ao seu alcance o caminho iniciado pela Obra de Maria Gabriela Llansol e empenhar-se na preservação e vivência concreta dos valores nela presentes”. Formulação pouco habitual nos Estatutos de uma associação, mas que vai bem com o espírito que nos anima. O Espaço Llansol é, de facto, para todos aqueles que o mantêm e nele trabalham, “o jardim que o pensamento permite”. Era assim, penso, que a Maria Gabriela imaginava a sobrevivência daquela casa que foi a última em que morou e diariamente escreveu: não como lugar estático, museu ou coisa parecida, mas, como lemos num dos cadernos manuscritos que nos deixou, como lugar vibrátil, como um pensamento e um lugar para viver. Para ela, “a única condição” – que nós nos esforçamos por cumprir – “é o pensamento poder *audaciar-se*, exprimir-se em obra que fique em toda a parte” (Caderno 43, Outubro de 1995).

Como se dava a presença e a intervenção da Maria Gabriela, como uma voz autoral, entre as vozes de vocês, nas discussões?

As discussões foram, desde o início, vibrantes e fundadas em textos previamente escritos e enviados a todos, mas o dia era também atravessado por testemunhos muito pessoais e por uma rara atmosfera de cordialidade e afecto. Durante dois anos, a Maria Gabriela, sempre presente, não disse uma palavra. Ouvia, anotava, desenhava nos seus cadernos. Mais tarde, começou ela própria a participar nos debates, e era quase sempre muita a luz que vinha das suas palavras. Mas também uma sagesa feita de uma inteligência subtil e

de algum humor (faceta muito presente na sua escrita, mas que não tem sido suficientemente notada), e sobretudo de uma enorme capacidade de ir ao encontro do ponto de vista ou das palavras do outro, respeitando-os e acrescentando-lhes sempre algo que só ela estava em condições de esclarecer. A meio deste percurso, que se prolongou até 2006, deixaria no Epílogo de um dos seus livros (*O Senhor de Herbais*, 2002), intitulado “As comunidades”, o seu próprio testemunho, lapidar e esclarecedor, sobre a sua vivência com este grupo e a descoberta de como a escrita e o escrevente, a leitura e os seus “cantores”, constituem um todo que se completa, na busca da “chave sob a maçã” que pode abrir frestas de luz – mas nunca portas escancaradas – por onde se entra no Texto:

“...quantas vezes sentada na minha cadeira a ouvir as discussões, dificuldades e dúvidas, senti finalmente que outros, a seu modo, entravam por uma porta não muito diferente daquela por onde eu entrara. Senti que se procurava a chave sob a maçã,

o mistério não é o medo que tolhe os passos, mas a servidão que trazemos acorrentada às mãos e nos impede de tactear a chave sob a impotência e o júbilo de viver,

*senti-me estranhamente bem, sem o peso de carregar sozinha uma escrita que fez de mim um ser com aura, permitindo-me reatar o meu caminho para o humano, ser alguém de único entre únicos também, únicos não querendo significar especiais nem revelados, mas tão-só responsáveis pelo dado indiscutível de que cada um é irrepetível,
quer goste quer não*

*a perseverança dos outros deu-me coragem
vi que não era uma singularidade vã.”*

E a participação do Augusto Joaquim, crítico e marido de Llansol?

Nesses anos, a presença dominante era, sem dúvida, a de Augusto Joaquim. Dotado de uma inteligência viva e pouco comum, conhecendo desde sempre, melhor do que qualquer outro, “os referentes do texto” (como escreve no posfácio a *Causa Amante*), participando ele próprio tantas vezes na génese e talvez na configuração de alguns dos livros de Llansol, o Augusto era para todos nós a figura generosa da “autoridade” partilhada, mas que ele sempre via como mais uma voz entre tantas.

Durante esse período, aconteceram três grandes encontros: um em Sabará, Minas Gerais (Dezembro de 2002), outro na Serra da Arrábida, Setúbal (Setembro de 2003) e um último na aldeia de Mourilhe, Trás-os-Montes, no norte de Portugal (Julho de 2005). Vocês podem falar um pouco sobre a natureza desses encontros?

A ideia de um primeiro Colóquio que reunisse pesquisadores, “legentes” e estudantes veio de Minas, pela mão da grande impulsionadora dos estudos llansolianos no Brasil, a Prof^a Lúcia Castello Branco, da UFMG. A ideia, que teve continuidade em Portugal por iniciativa do ainda apenas Grupo de Estudos Llansolianos, era a de alargar a discussão do texto de Llansol para além do GELL e da própria Universidade, a que a maior parte de nós estava ligado. Em todos esses Colóquios foi grande a abertura conferida às abordagens da Obra de Llansol, não só da perspectiva crítico-literária, mas também de várias artes e seus representantes, com os quais a Maria Gabriela já vinha trabalhando, e que trouxeram aproximações originais ao seu Texto: pintores (Ilda David’, Julião Sarmiento, Maria José Boaventura), fotógrafos (Duarte Belo), músicos (João Madureira, Amílcar Vasques Dias), cineastas (Regina Guimarães e Saguenail), dançarinos (Wagner Schwartz e Lou de Resende), e até biólogos (Isabel Catalão)...

Para cada um dos três Encontros encontramos nos textos de Llansol um tema condutor, que serviu de horizonte de referência, mas dando grande liberdade de intervenção e discussão, que foi sempre muito viva. Em Sabará guiou-nos “o jardim que o pensamento permite”, na Arrábida o lema “Concebe um mundo humano que aqui viva”, e em Mourilhe vimo-nos como “Vivos no meio do Vivo”, e assim vivemos, pensamos e debatemos durante três dias.

Nesse época, vocês já produziam os Cadernos Jade, esses pequenos livretos, semi-artesanais, como resultado das discussões, não era?

A ideia de começar a editar os Cadernos Llansolianos surgiu como resultado do fracasso da edição em livro, por uma editora portuguesa, dos textos produzidos por nós e das discussões gravadas dos encontros regulares, quase sempre em torno de um livro, que ocupava todo o ano. Perante a dificuldade, hoje acrescida, de encontrar editores dispostos a investir neste tipo de publicação (incluindo aqueles que editavam os livros de Llansol), decidimos que poderíamos ser auto-suficientes e fazer chegar aos interessados o resultado do nosso pensamento em torno deste Texto, à margem do mercado e afinal nele, já que os Cadernos eram colocados por nós próprios em algumas das principais livrarias do país. E assim fizemos, artesanalmente e em grupo, a par do debate sobre os livros, dezoito Cadernos Llansolianos com textos críticos, e outros, sobre alguns dos livros (*O Livro das Comunidades, Parasceve, Amar um Cão, Amigo e Amiga*), duas bibliografias llansolianas, toda a documentação do Colóquio de Mourilhe, o libretto de uma ópera feita a partir da obra de Llansol (*Metanoite*), um curso de iniciação a essa Obra, a adaptação teatral, por Augusto Joaquim, d' *O Livro das Comunidades (Aos Fiéis do Amor)*, e até uma experiência pedagógica com cartas e desenhos de crianças enviados a Llansol.

Após a morte de Maria Gabriela em 2008, o que se tornou, de fato, o *Espaço Llansol*?

Como já dissémos, o Espaço Llansol nasceu da necessidade, sentida também pela Maria Gabriela, de encontrar um lugar para preservar e trabalhar o imenso espólio que ela deixou. Temos dado conta do que é esse espólio e do trabalho que vimos desenvolvendo no blog do Espaço (<http://espacollansol.blogspot.com>).

Como os pesquisadores, os errantes navegantes, podem habitar a Casa?

Estamos há um ano abertos a pesquisadores de todo o mundo interessados em ver, usufruir, consultar, ler o que, depois de classificado e tratado digitalmente, vamos

disponibilizando. E partilhamos com todos os que nos visitam o nosso dia a dia de trabalho e discussão, o espaço que organizámos de modo funcional e estético, espaço de memória, mas não museal, bem como o nosso fraco saber, a experiência acumulada em alguns anos de convívio mais íntimo com Llansol e Augusto Joaquim, com a leitura repetida das suas obras, e agora dos seus manuscritos.

Então vocês, como uma Associação, são responsáveis pela organização do espólio, deixado pela escritora. Vocês podem falar um pouco sobre o espólio e as prioridades de divulgação? Como vocês conseguiram organizar o caos em que a Casa se encontrava após a morte de Llansol?

Quando Llansol morreu, em 3 de Março de 2008, nenhum de nós fazia ideia do que se encontrava naquela casa em que a Maria Gabriela vivera durante catorze anos, e onde se foram acumulando heranças e legados familiares que vinham das avós, dos pais, de tias da escritora, mais o que ela própria trouxe da Bélgica no fim de um exílio de vinte anos (incluindo plantas, que ainda conservamos, desde 1985). Conhecíamos, sim, o ambiente de todas as divisões em que se acumulavam móveis e objectos que ocupavam todo o espaço – espaço vital, húmus indispensável para uma escrita que se alimenta do olhar quotidiano sobre as mais ínfimas coisas –, e no meio dos quais viémos depois a descobrir tudo o que hoje constitui o enorme espólio do Espaço Llansol. Sabíamos apenas, desde os fins de 2007, que existiam 76 cadernos manuscritos, num total de 17.000 páginas (como comprovámos em 2008, depois da sua digitalização), que constituíam o “depósito” principal da escrita de Llansol desde os anos da Bélgica, cobrindo o período de 1974 a 2007. O principal, mas não o único. O inventário que logo a seguir fizémos revelou-nos uma segunda série de 78 cadernos manuscritos, 53 agendas, 12 blocos de notas (não numerados, como acontecia com os 76 cadernos da primeira série), e muitos milhares de páginas dactilografadas e organizadas pela escritora, diários inéditos, obras de juventude, um arquivo fotográfico que percorre todo um século, correspondência, uma biblioteca cujos livros principais estão cheios de anotações (*marginalia* importantíssima, que mais tarde recolheremos para publicação). Isto, para não falar dos muitos objectos com um lugar e um sentido muito especiais nos livros que conhecemos.

Passámos quatro meses a reorganizar a casa (que pudémos manter por meio de um protocolo assinado com a Prefeitura de Sintra) e a descobrir e arquivar todo o mundo de escrita e de vida de Llansol. E logo que conseguimos transformar a casa num espaço de trabalho (mas mantendo e utilizando grande parte dos objectos e do recheio que eram da Maria Gabriela), concebemos um sistema de classificação que abarca todas as espécies, literárias e não literárias, do espólio, baseado num princípio alfanumérico que atribui a cada peça nove dígitos, e que nos permitirá, num futuro próximo, cruzar informaticamente todos os documentos e objectos disponíveis. Demos prioridade, numa primeira fase em que ainda nos encontramos, ao tratamento digital de todo o espólio manuscrito, para poder começar a editar tudo o que, nesses cadernos, fosse inédito. Em pouco mais de um ano, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, conseguimos disponibilizar para pesquisadores e interessados cerca de 23.000 páginas manuscritas, e fazer sair o primeiro volume da série dos Diários inéditos de Llansol, com o título genérico de *Livro de Horas*.

Pelo que percebo, uma das prioridades do *Espaço* é a divulgação dos cadernos inéditos, a começar pelos da série I, separada em vida pela própria Maria Gabriela Llansol. Agora em outubro de 2009, nas Primeiras Jornadas Llansolianas de Sintra, “Maria Gabriela Llansol: O vivo, o novo, o actual”, foi lançado o livro inaugural dos cadernos dessa série I, *O Livro de Horas I – Uma data em cada mão*, com textos extraídos dos três primeiros cadernos da série I, mais cinco da série II, com datas entre 1972 e 1977. Como foi a preparação do volume, a escolha dos trechos, o que vocês acharam importante privilegiar para a publicação, enfim, a concepção editorial que os norteou?

Os critérios editoriais que orientam os *Livros de Horas* foram ainda sugeridos pela própria autora dos cadernos, e por nós definidos do seguinte modo no primeiro volume agora publicado: “...não desvirtuaremos o carácter de escrita diarística espontânea, mas quase sempre densa, múltipla e rizomática, com os seus registos variados, do reflexivo ao informativo, do introspectivo ao crítico, do contemplativo ao irónico. Não ousaremos construir ‘sínteses’ ou ‘totalidades’ onde elas não existem nem nunca existiram (nem nos

cadernos manuscritos, nem nos livros publicados, nem nas folhas dos muitos *dossiers* dactiloscritos do espólio, com excepção de alguns núcleos inéditos mais homogêneos, que a seu tempo virão a lume). Evitaremos, enfim, toda a espécie de ‘cirurgias editoriais’, mantendo o carácter não sequencial, heteróclito – e tantas vezes, por isso mesmo, surpreendente – destes Diários atípicos.

Por isso se transcrevem, tanto páginas acabadas de grande impacto literário e expressivo ou de notória profundidade de pensamento, que conhecemos dos livros de Llansol, como a frase solta, a fulguração imagética fulminante, o registo mais íntimo, citações e informações de leitura, planos e projectos de livros ou de actividades práticas. Eliminámos apenas: as passagens que já entraram em livros da autora; os registos de sonhos que, em grande número, pontuam as páginas destes cadernos e, por vezes, os papéis avulsos neles inseridos (e que serão objecto de edição especial); e alguns textos de Augusto Joaquim que (apenas nos primeiros cadernos) encontraram acolhimento nos Diários de Llansol.”

Vocês tem ideia de quando sairá o segundo volume da série? É possível saber quantos volumes serão ao todo?

Não podemos prever neste momento quantos volumes sairão de todo o espólio manuscrito, porque não temos ainda uma noção clara daquilo que, nos cadernos, é matéria já incluída em livros e texto inédito. Só à medida que os formos transcrevendo poderemos constatar o que é inédito. Numa escritora como Llansol, que nunca “fez livros”, mas sempre escreveu de forma fragmentária, não sequencial, mas compulsiva, torna-se impossível saber neste momento o que haverá para editar nos muitos milhares de páginas manuscritas e dactiloscritas que deixou. Mas tentaremos fazer sair um segundo volume do *Livro de Horas* por ocasião das Segundas Jornadas Llansolianas de Sintra, em 2010.

Além da divulgação da própria Obra llansoliana, traduzida este ano para o francês e aguardando a publicação para o italiano, pela editora Pagine d’Arte (<http://www.paginedarte.ch/>), vocês começaram um projeto editorial de divulgação

das discussões do grupo, lançando, também nas Jornadas, o volume *O que é uma figura?* – Diálogos sobre a Obra de M.G. Llansol na Casa da Saudação, pela editora Mariposa Azual (<http://amariposa.net/>), que já havia publicado *Na dobra do mundo*, ensaios do João Barrento, e *Como uma pedra-pássaro que voa*, tese da Maria Etelvina Santos. Vocês poderiam comentar a questão das traduções e desses livros que saíram pela Mariposa... Vocês estão construindo um desenho editorial? Ainda sairão outros livros? Quais as prioridades de publicação?

A programação editorial do Espaço Llansol, que temos vindo a concretizar em bom ritmo, pretende manter viva a presença do texto e do mundo llansolianos, em Portugal e no estrangeiro, em quatro frentes diversas e complementares:

1. A edição de novos livros de Llansol, em especial do *Livro de Horas*, pela editora Assírio & Alvim (que também continuará a reeditar livros antigos: em breve *O Livro das Comunidades*, com obras de quatro pintores portugueses, e *Lisboaleipzig*, com pintura de Ilda David’).
2. A tradução, em várias línguas, de livros de Llansol. Sairam recentemente obras em castelhano (*O Livro das Comunidades* e *A Restante Vida*), e há outras já traduzidas nesta língua; a editora suíça Pagine d’Arte fez sair recentemente, em francês, *O Jogo da Liberdade da Alma* e a grande entrevista *O Espaço Edénico*, tem pronto o mesmo volume para sair em italiano, e continuará a editar novos livros; está pronto para sair em francês, noutra editora, um conjunto de três pequenos textos (*O Raio sobre o Lápis*, *Cantileno* e *Hölder de Hölderlin*); e encontra-se em fase de tradução para o alemão *Lisboaleipzig*, que será publicado em 2010.
3. Temos com a Mariposa Azual (e a sua editora Helena Vieira, que correspondeu com entusiasmo ao “quem me chama?” que lhe chegou depois da morte de Llansol, que ela conhecera já no primeiríssimo encontro do grupo no ano 2000) um acordo para continuar a colecção “Rio da Escrita”, onde saíram já os livros que referiste. O próximo incluirá os textos apresentados nas nossas primeiras Jornadas (*Llansol: o Novo, o Vivo, o Actual*), e sairá em 2010. Esta colecção, que substitui, em forma de livro, os nossos anteriores Cadernos Llansolianos, incluirá, assim, ensaios e outros textos que contribuam para iluminar a Obra de M. G. Llansol.

4. Finalmente, e dando continuidade aos Cadernos Llansolianos num formato e com conteúdos diferentes, temos prevista a edição, pelo próprio Espaço Llansol, de uma nova série (ainda sem título definitivo, mas que poderá chamar-se “Rastos, Restos, Rostos”) de brochuras que documentarão, com texto e imagens, algumas peças mais preciosas ou curiosas do nosso acervo, que poderão ser objectos, obras de arte, fotos, papéis ou outras.

Vocês também estão organizando uma grande exposição no CCB (Centro Cultural Belém) para 2011. Por conta disso, inclusive, fizeram uma viagem, percorrendo as paisagens llansolianas e das figuras europeias que cruzam a Obra de Llansol. Vocês podem falar um pouco sobre a viagem e a construção da exposição, a partir do recorte “Llansol e a Europa”, que vocês estão propondo...

Essa grande exposição, que terá por título “Sobreimpressões. A dimensão europeia da obra de M. G. Llansol”, está ainda em preparação, só devendo realizar-se no início de 2011. Mas recolhemos já muitas horas de vídeo e milhares de fotografias, numa viagem de duas semanas em que percorremos dezassete lugares ligados à experiência europeia de Llansol e às figuras dos seus livros (a completar com outra, pela Espanha, em 2010). Viagem muito produtiva e surpreendente, que nos permitirá, com o material visual recolhido, conceber uma sequência ao mesmo tempo original e actual para os núcleos que integram a exposição, e que documentam a visão da história política, cultural e espiritual da Europa em Llansol, desde as beguinas e os místicos medievais até Fernando Pessoa/Aossê. A visão iconoclasta da Europa em Llansol organiza-se, na exposição, em seis “Lugares”: 1. A comunidade sem regra (místicos e beguinas); 2. O nascimento da liberdade de consciência: Rebeldes e iconoclastas (Thomas Müntzer, os Anabaptistas de Münster, Copérnico, Nietzsche); 3. O litoral do mundo: Portugal e a Europa (Camões, D. Sebastião); 4. A geografia imaterial por vir: Dos poetas (Hölderlin); 5. O que pode um corpo: Em busca das fontes da alegria (Spinoza); 6. O caminho do dom poético: Lisboa-leipzig (F. Pessoa e J. S. Bach).

É uma aventura, única na literatura portuguesa contemporânea, da busca de um sentido para a história da Europa através da recuperação de alguns dos nomes maiores do pensamento, da acção política, da arte, da literatura, da espiritualidade – portugueses,

espanhóis, franceses, belgas, holandeses, alemães, polacos, italianos, dinamarqueses, persas, árabes..., e da sua metamorfose em forças vivas que convergem nos livros de Llansol num “projecto do humano” em que intervêm mais de quarenta Figuras.

A exposição será acompanhada de uma série de outros eventos, com debates, leituras, um “Concerto para M. G. Llansol”, um filme sobre o seu universo, etc.

N’O Livro de Horas I – Uma data em cada mão, Llansol afirma que “O futuro é o mais actual dos tempos” (LLANSOL, 2009, p. 98). Que futuro da Obra vocês estão abrindo no Espaço Llansol?

O futuro, para nós, está já aí. Em cada dia que passa nos empenhamos na sua construção, guiados apenas pela convicção de estar no caminho certo e na via necessária ao escolher esta “causa amante” que é a da entrega à Obra magnífica e única de Maria Gabriela Llansol, a que devemos muitas horas, dias, meses, anos de prazer e júbilo. Será pouco tudo o que pudermos fazer para que ela continue viva, sempre actual e actuante.

João Barrento e Maria Etelvina Santos coordenam o *Espaço Llansol* em Sintra, Portugal. Os informes do *Espaço* podem ser consultados no blog do grupo: <http://espacollansol.blogspot.com/>. E os “Jade - Cadernos llansolianos”, produzidos pelo grupo e mencionados durante a entrevista, podem ser encomendados por e-mail (espacollansol@gmail.com) ou correio:

Espaço Llansol

Rua Dr. Alfredo Costa, 3-1º F
2710-524 Sintra

BIBLIOGRAFIA mencionada:

BARRENTO, João. *Na dobra do mundo* - Escritos Llansolianos. Lisboa: Mariposa Azul, 2008.

LLANSOL, Maria Gabriela. *O livro das comunidades* - Geografia de rebeldes I. Porto: Afrontamento, 1977.

- _____. *Um beijo dado mais tarde*. 2ª. ed. Lisboa: Rolim, 1991.
- _____. *Hölder, de Hölderlin*. Sintra: Colares, 1993.
- _____. *Lisboaleipzig 1 - O encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.
- _____. *Lisboaleipzig 2 - O ensaio de música*. Lisboa: Rolim, 1994a.
- _____. *Um falcão no punho - Diário I*. 2ª. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1998.
- _____. *Causa amante - O litoral do mundo I*. Posfácio de Augusto Joaquim. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.
- _____. *Onde vais drama-poesia?* Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- _____. *Cantileno*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000a.
- _____. *Parasceve - puzzles e ironias*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.
- _____. *A restante vida - Geografia dos rebeldes II*. Lisboa: Relógio d'Água, 2001a.
- _____. *O Senhor de Herbais - breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.
- _____. *O jogo da liberdade da alma*. Lisboa: Relógio d'Água, 2003.
- _____. “O espaço edénico”. In: LLANSOL, Maria Gabriela. *Na casa de julho e agosto - Geografia de rebeldes III*. 2ª ed. Lisboa: Relógio d'Água, 2003a.
- _____. “O espaço edénico - entrevista a João Mendes, jornal *Público*, 18 de janeiro de 1995”. In: *Na casa de julho e agosto*. 2ª. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 2003a, pp.139-168.
- _____. *O raio sobre o lápis*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- _____. *Amigo e amiga - Curso de silêncio de 2004*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- _____. *Os cantores de leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- _____. *Uma data em cada mão - Livro de horas I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- _____. “Carta ao legente”. In: BRANCO, Lúcia Castello. *Os absolutamente sós - Llansol - A letra - Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica; FALE/ UFMG, 2000, pp. 13-17.
- _____; JOAQUIM, Augusto. *Desenho a lápis com fala - Amar um cão*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- SANTOS, Maria Etelvina. *Como uma pedra-pássaro que voa - Llansol e o improvável da leitura*. Lisboa: Mariposa Azul, 2008.
- O que é figura?* - Diálogos sobre a Obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação. Org. João Barrento. Lisboa: Mariposa Azul, 2009.